



A República dos Salários Trocados — Quando Quem Produz Riqueza Ganha Menos do que Quem a Administra

Publicado em 2026-05-16 16:25:42



BOX DE FACTOS

- O **Diário de Notícias da Madeira** noticiou, em 16 de Maio de 2026, que o sector privado paga, em média, menos 791 euros do que o público na Região, e que nos últimos quatro anos a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- Segundo dados nacionais do **INE**, divulgados pelo ECO, no 1.º trimestre de 2026 a remuneração bruta total média em Portugal foi de 1.611 euros por trabalhador.
- No mesmo período, a remuneração média no sector privado foi de 1.510 euros, enquanto nas Administrações Públicas foi de 2.130 euros.
- O INE ressalva que as diferenças entre sector público e privado reflectem também o tipo de trabalho realizado, a composição etária, a experiência e as qualificações dos trabalhadores.
- Estudos antigos do **Banco de Portugal** já identificavam, há mais de duas décadas, um diferencial salarial relevante entre sector público e privado em Portugal.
- O Banco de Portugal assinalou, em 2025, que a empresa mediana portuguesa apresenta hiatos significativos face às melhores empresas da União Europeia em capital por trabalhador, salário médio e produtividade do trabalho.
- A Reuters, citando dados do Eurostat, referiu em Maio de 2026 que a produtividade laboral

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- O problema central não é que os trabalhadores do Estado ganhem demasiado. É que grande parte da economia privada portuguesa continua a pagar demasiado pouco.

A República dos Salários Trocados

**Quando quem produz riqueza ganha
menos do que quem a administra**

Portugal construiu, ao longo de décadas, uma economia onde demasiados trabalhadores do sector produtivo ganham pouco, arriscam muito, sustentam a base fiscal do país — e depois ouvem discursos solenes sobre produtividade vindos de gabinetes onde a estabilidade é quase hereditária.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

funcionários do Estado e da Região cresceu 2,5 vezes mais do que a dos trabalhadores das empresas — não cai do céu como uma pedra estatística. Cai sobre uma realidade conhecida há décadas.

Portugal vive há muito tempo com esta contradição: exige produtividade ao sector privado, mas permite que grande parte desse sector sobreviva com salários baixos, baixa capitalização, fraca incorporação tecnológica, margens apertadas, pouca escala e uma cultura empresarial demasiado habituada ao remendo. Depois, do alto da tribuna pública, exige-se competitividade, inovação, exportação, talento, ambição e crescimento.

É pedir asas a quem ainda está preso ao chão por correntes fiscais, burocráticas, financeiras e salariais.

Não é uma guerra contra os funcionários públicos

Convém afastar desde já a caricatura. Esta crónica não é um ataque aos funcionários públicos. Um país precisa de médicos, enfermeiros, professores, investigadores, técnicos superiores, magistrados, forças de segurança, bombeiros profissionais, funcionários judiciais, administrativos,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

carregam. Muitos trabalham em condições difíceis. Muitos seguram, todos os dias, aquilo que ainda resta do Estado social. Não é contra eles que se escreve.

O problema não é existirem trabalhadores públicos com remunerações dignas. O problema é existir um país onde demasiados trabalhadores do sector privado continuam presos a salários indignos, apesar de serem eles que estão directamente expostos ao risco empresarial, à concorrência internacional, à instabilidade dos mercados, à falência das empresas, à pressão dos clientes e à criação de riqueza transaccionável.

O problema não é o Estado pagar melhor. O problema é Portugal produzir tão pouco valor acrescentado que o privado, em muitos sectores, paga mal demais.

A velha diferença que nunca desapareceu

O diferencial salarial entre sector público e privado em Portugal não é uma invenção recente. O Banco de Portugal já estudava este fenómeno há mais de duas décadas. Num estudo publicado no início dos anos 2000, assinalava-se que Portugal apresentava um dos diferenciais mais elevados entre salários públicos e privados, considerando trabalhadores com características comparáveis.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

trajectórias e responsabilidades. Comparar médias brutas sem ajustar estes factores pode enganar.

Mas há uma evidência que não desaparece com notas metodológicas: há décadas que Portugal convive com um sector privado demasiado frágil, incapaz de pagar bem de forma generalizada, e com um Estado que, em termos relativos, se torna para muitos trabalhadores o porto mais seguro.

E quando o porto mais seguro é o Estado, mas a riqueza que alimenta o Estado nasce sobretudo fora dele, o país começa a viver uma tensão perigosa. O motor produtivo fica sub-remunerado, enquanto a carroçaria administrativa se torna mais pesada. A locomotiva chia, mas os vagões continuam a aumentar.

Quem cria riqueza fica no fim da fila

Há uma injustiça silenciosa nesta estrutura. O trabalhador de uma pequena empresa, de uma indústria, de uma oficina, de uma firma tecnológica, de uma exportadora, de uma construção, de uma exploração agrícola, de uma empresa de manutenção, de um laboratório, de uma startup, de um comércio ou de uma PME vive quase sempre mais perto do risco.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

ele vai para casa com uma carta, uma indemnização incerta e a vida revirada.

E, no entanto, é muitas vezes esse trabalhador que ganha menos. É ele que produz bens, presta serviços, exporta, repara, programa, instala, fabrica, atende, vende, transporta, desenha, monta, mantém, factura e cria a base económica sobre a qual o Estado cobra impostos.

A ironia portuguesa é esta: quem está mais exposto ao risco é frequentemente quem tem menos protecção; quem sustenta a base fiscal recebe, em média, menos do que quem administra essa mesma base. Não há aqui justiça económica. Há uma inversão moral.

A produtividade como desculpa e como sintoma

Sempre que se fala de salários baixos no privado, surge a palavra mágica: produtividade. Diz-se que os salários são baixos porque a produtividade é baixa. Há verdade nisso. Mas a frase, repetida sem contexto, transforma-se numa desculpa preguiçosa.

A produtividade não cai do céu. Depende de capital por trabalhador, tecnologia, organização, gestão, escala

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O Banco de Portugal assinalou que a empresa mediana portuguesa continua distante das melhores empresas europeias em capital por trabalhador, salário médio e produtividade. Isto é essencial: baixos salários e baixa produtividade não são fenómenos separados. Alimentam-se mutuamente, como duas serpentes enroladas no mesmo tronco.

Empresas pouco capitalizadas pagam salários baixos. Salários baixos afastam talento. A falta de talento reduz inovação. A baixa inovação mantém baixa produtividade. A baixa produtividade justifica novos salários baixos. E assim o país gira, há décadas, na roda do hamster, com discursos de modernização colados a uma economia de sapato gasto.

O Estado como abrigo e como íman

Num país normal, o Estado deve ser atractivo para quem tem vocação de serviço público. Em Portugal, tornou-se também atractivo porque, para muitos, o privado deixou de oferecer horizonte.

A estabilidade pública pesa. A previsibilidade pesa. A progressão, mesmo lenta, pesa. A protecção no emprego pesa. A menor exposição à falência pesa. O horário mais

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O resultado é perigoso: muitos jovens qualificados olham para o Estado não apenas como missão, mas como refúgio. Outros olham para fora do país. Emigram. Levam consigo formação paga por Portugal, energia que Portugal não soube reter e ambição que Portugal não soube remunerar.

Depois lamentamos a fuga de cérebros. Mas talvez devêssemos começar por perguntar: que país construímos para os cérebros ficarem?

O privado português: entre patrões pobres e patrões medíocres

Seria também falso tratar o sector privado como vítima pura. Há muitas empresas portuguesas excelentes, modernas, exportadoras, tecnológicas, bem geridas, com sentido de futuro e respeito pelos trabalhadores. Mas há também demasiada mediocridade empresarial.

Há patrões que pagam mal porque não podem. Empresas pequenas, esmagadas por custos, impostos, rendas, energia, crédito caro, burocracia e escala reduzida. Mas há outros que pagam mal porque querem. Porque se habituaram a competir pelo baixo salário. Porque confundem lucro com compressão humana. Porque investem pouco, formam

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

empresários sem margem e empresários sem visão. Uns precisam de condições para crescer. Outros precisavam de uma visita guiada ao século XXI, com bilhete só de ida.

A baixa remuneração privada não é apenas culpa do Estado. É também culpa de uma cultura empresarial que, demasiadas vezes, preferiu a mão-de-obra barata à inteligência organizacional, o subsídio à escala, o contacto político ao mercado, o imprevisto à gestão e a sobrevivência ao crescimento.

A fiscalidade que pesa onde dói

Há ainda a máquina fiscal. Portugal cobra muito sobre salários relativamente baixos. Entre impostos, contribuições, custos laborais, IVA, energia, burocracia e obrigações administrativas, a empresa sente que paga demais e o trabalhador sente que recebe de menos.

Este é um dos grandes absurdos nacionais: o custo do trabalho pode ser pesado para a empresa e, ao mesmo tempo, o salário líquido ser insuficiente para o trabalhador. A diferença evapora-se no caminho, como água num cano furado chamado Estado.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

compensa. Primeiro prende. Depois distribui folhetos sobre competitividade.

É a economia do labirinto: todos caminham, poucos chegam, muitos desistem.

Três décadas de discursos e o mesmo chão baixo

Há mais de três décadas que Portugal fala de produtividade, qualificações, inovação, competitividade, modernização, simplificação administrativa, indústria, exportações, ciência, tecnologia e valor acrescentado.

Já tivemos programas, fundos comunitários, planos tecnológicos, estratégias digitais, agendas para a competitividade, pactos para o crescimento, reformas laborais, contra-reformas, incentivos fiscais, organismos, gabinetes, task forces e conferências com painéis tão iluminados que quase dispensavam electricidade.

E, contudo, a estrutura permanece teimosa: salários privados baixos, produtividade fraca, empresas pequenas, Estado pesado, jovens a emigrar, talento desaproveitado, burocracia resiliente, justiça lenta, investimento insuficiente

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

excesso de diagnósticos sem execução. É um país que há décadas sabe onde lhe dói, mas continua a marcar consulta para depois faltar.

Quando o sistema recompensa a administração mais do que a criação

Uma economia saudável precisa de Estado. Precisa de regras, justiça, saúde, educação, segurança, investigação, infra-estruturas e protecção social. Mas também precisa de empresas fortes, salários privados competitivos, investimento produtivo, inovação real e capacidade exportadora.

Quando o sector que administra a riqueza se torna, em média, mais atractivo do que o sector que a cria, o país entra numa zona de desequilíbrio. Não porque o Estado seja inútil, mas porque a produção de riqueza fica insuficientemente valorizada.

É como uma casa onde se gasta cada vez mais com o porteiro, a contabilidade e a administração do condomínio, enquanto a oficina na cave — aquela que realmente fabrica as peças que pagam tudo — continua com máquinas velhas, salários curtos e telhado a pingar.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O que teria de mudar

A solução não passa por nivelar por baixo. Seria absurdo responder ao diferencial salarial empobrecendo os trabalhadores públicos. Portugal não precisa de baixar quem está um pouco melhor. Precisa de levantar quem está cronicamente esmagado.

Isso exige uma agenda séria: menos fiscalidade sobre salários baixos e médios; mais capitalização das empresas; investimento tecnológico; fusão ou cooperação empresarial para ganhar escala; formação orientada para competências produtivas; justiça económica rápida; menos burocracia inútil; energia a preços competitivos; políticas industriais inteligentes; maior ligação entre ciência e empresas; combate aos monopólios e rendas protegidas; avaliação real dos apoios públicos; e uma cultura empresarial que deixe de confundir contenção salarial com estratégia.

Também exige um Estado mais magro onde deve ser magro e mais forte onde deve ser forte. Menos papel. Mais execução. Menos gabinete. Mais terreno. Menos anúncio. Mais resultado. Menos administração da mediocridade. Mais libertação da criação.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

resignação.

Conclusão — a pobreza organizada

O diferencial entre salários públicos e privados não é apenas uma curiosidade estatística. É um sinal de arquitectura económica. Mostra um país onde a criação de riqueza continua frágil, onde a administração pesa muito, onde a produtividade não descola e onde demasiados trabalhadores do sector privado vivem presos a uma promessa sempre adiada.

O escândalo não é haver funcionários públicos com salários melhores. O escândalo é haver trabalhadores privados a produzir, vender, exportar, programar, construir, reparar, atender, transportar, cuidar, inovar e arriscar — e, ainda assim, receberem salários que não lhes permitem viver com dignidade, comprar casa, formar família, poupar ou imaginar futuro.

Portugal não é pobre apenas por ganhar pouco. É pobre porque organizou durante décadas uma economia onde ganhar pouco parece normal, inevitável, quase patriótico. Como se o destino nacional fosse trabalhar muito, receber pouco, pagar caro e agradecer a estabilidade estatística.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A pergunta que fica é simples: queremos uma República que administre a pobreza com eficiência, ou uma República que finalmente liberte a criação de riqueza?

Porque administrar a mediocridade pode dar carreiras. Mas só produzir valor dá futuro.

Nota editorial

*Em **Fragmentos do Caos**, recusamos a falsa guerra entre trabalhadores do público e trabalhadores do privado. Essa guerra serve apenas para esconder o essencial: Portugal continua a ser uma economia de salários baixos, produtividade insuficiente, empresas frágeis, Estado pesado e demasiada dependência de sectores pouco intensivos em conhecimento.*

O trabalhador público não é o inimigo do trabalhador privado. O inimigo é o modelo económico que mantém ambos reféns: uns presos à rigidez da máquina administrativa, outros presos à instabilidade e ao baixo salário; uns cansados do peso do Estado por dentro, outros esmagados pelo peso do Estado por fora.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

capazes de criar valor. Não há soberania sem produtividade. Não há futuro sem salários privados capazes de reter talento.

*E nós, em **Fragmentos do Caos**, existimos também para isto: para dizer que um país que paga mal a quem produz riqueza está a hipotecar o próprio futuro, enquanto finge discutir produtividade em salas climatizadas.*

Fontes e referências

- Diário de Notícias da Madeira — “Privado paga menos 791 euros do que o público”
<https://www.dnoticias.pt/2026/5/16/492136-privado-paga-menos-791-euros-do-que-o-publico/>
- ECO / INE — “Salário médio dos trabalhadores em Portugal sobe 5% para 1.611 euros no primeiro trimestre”
<https://eco.sapo.pt/2026/05/15/salario-medio->

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

mensal media por trabalhador , 1.º trimestre de
2026

<https://www.ine.pt/>

- Banco de Portugal — “Os salários da função pública”

https://www.bportugal.pt/sites/default/files/anexos/papers/ab200105_p.pdf

- Banco de Portugal — “As diferenças salariais entre os sectores público e privado”

<https://www.bportugal.pt/multimedia/episodio-103-diferencas-salariais-entre-os-setores-publico-e-privado>

- Banco de Portugal — “Economia numa imagem: 19.12.2025”

<https://www.bportugal.pt/page/economia-numa-imagem-20251219>

- OCDE — “OECD Economic Surveys: Portugal 2026”

https://www.oecd.org/en/publications/oecd-economic-surveys-portugal-2026_025b3445-en.html

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

work/portugal-government-presses-ahead-with-labour-reform-bill-opposed-by-unions-2026-05-14/

- Pordata — Dados estatísticos de salários em Portugal
<https://www.pordata.pt/subtema/portugal/salarios-11>

Fragmentos do Caos

Crónica de Francisco Gonçalves, com apoio editorial de **Augustus Veritas**.

Porque um país que paga mal a quem cria valor acaba por administrar apenas a sua própria desistência e decadência.



GitHub Pages



CodeBerg Pages



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)